



## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

### Cinemateca Júnior

#### A IDADE MAIOR / 1990

*Um filme de TERESA VILLAVERDE*

**Argumento e Realização:** Teresa Villaverde **Imagem:** Elfi Mikesch **Som:** Vasco Pimentel **Montagem:** Manuela Viegas, Vasco Pimentel **Decoração:** Miguel Mendes, Jeanne Waltz. **Guarda-roupa:** Cristina Reis, Maria Gonzaga **Interpretação:** Ricardo Colares (Alex), Teresa Roby (Manuela), Joaquim de Almeida (Pedro), Maria de Medeiros (Bárbara), Vincent Gallo (Mário), Márcia Breia (Madrinha), Isabel Ruth (Professora), Miguel Mendes (Namorado de Bárbara), Adriano Luz (Homem no Café), Luís Lucas (Tio Luís), Maria João Luís (Tia), Vasco Sequeira (Avô), Marcello Urgeghe (Rapaz em Lisboa), João Pedro Bénard (Amante de Bárbara), Joaquim Carvalho e Mário Castanheira (Amigos de Pedro), Silvana Marques (Menina). Miguel Ribeiro Soares (voz de Alex com 22 anos), Pedro Hestnes (voz de Mário).

**Produção:** Invicta Filmes (Portugal, República Federal da Alemanha, 1990) **Produtor:** João Pedro Bénard **Distribuição:** Atalanta Filmes **Estreia mundial:** 16 de fevereiro de 1991, no Festival Internacional de Cinema de Berlim **Estreia comercial:** 6 de setembro de 1991, em Lisboa, no Cinema King 3 **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, 127 minutos.



Aos 22 anos, no dia do seu aniversário, Alex lembra a história que em *off* o ouvimos dizer ter esquecido. Todo o filme se constrói na perspetiva desta personagem que na maioridade confessa gostar mais de viver do que a maior parte dos homens da idade dele, negando essa afirmação inicial. Depois de crescido, Alex pode lembrar-se. E lembra-se, lembra-se bem e lembra-se muito. A história dele é a história dos pais que perdeu, da família que viu desmoronar-se, das pessoas que o rodeavam quando os acontecimentos precipitaram o rumo que tomaria o resto da sua vida. A IDADE MAIOR também é uma história de crescimento e, como todas as histórias de crescimento, uma história de sobrevivência.

Em TRÊS IRMÃOS (1994) e OS MUTANTES (1998), Teresa Villaverde persegue, de um modo porventura mais amargo, personagens de crianças e de adolescentes e temas já presentes em A IDADE MAIOR, as dores do crescimento, os encontros e desencontros a que dá azo, a força que cada um encontra – ou não encontra – nas suas próprias fragilidades. Em A IDADE MAIOR, Alex não só sobrevive, como, apesar de o dizer num tom que sobretudo transparece sentimentos próximos da tristeza, declara o gosto pela vida. Neste primeiro filme, em que tudo assenta no olhar de uma criança de nove anos conforme a recordação, anos depois, do adulto em que se transformou, a postura é a de alguém que se revela. Por isso, ao contrário do que poderia ser entendido como uma facilidade narrativa, a utilização da voz *off* é aqui tão decisiva. O tom é confessional, na primeira pessoa, as frases, simples e curtas como as diria uma criança, certas e sem grandes efabulações. Como os dedos cruzados atrás das costas, as “figas” a que o miúdo se agarra em momentos de ansiedade, uma das imagens mais recorrentes deste filme.

Quando Alex decide lembrar-se, lembra-se dos factos como os viveu, provavelmente também, como os imaginou, com os contornos que o tempo empresta às coisas e da forma como a imaginação se aproveita dele. E conta-os na medida exata em que a memória os guardou. Sendo a memória, além de seletiva, oscilante – como um dos momentos mais divertidos do filme sublinha, “plim”, foi com ou sem carro a ida à praia com os tios? Assistimos à mesma cena segundo as duas hipóteses – a coerência dos episódios segue exclusivamente a fidelidade da forma como Alex se lembra, o que é precisamente um dos trunfos do filme. Tudo se joga no ajuste de contas que Alex faz com a memória da sua infância, os lugares e as pessoas de quem gostou, os acontecimentos que o marcaram, dos mais aos menos (aparentemente) significativos.

“(…) Em Portugal, não eram tempos como os de agora, mas isso já vocês sabem”, ouvimos no início, e ficamos a saber que Alex cresceu num país onde os pais eram mandados para a guerra, para tão longe que era difícil traçar o caminho percorrido nos mapas que se estudavam na escola, onde as pessoas viviam sozinhas, onde era difícil esperar e para onde se corria o risco de voltar diferente, como aconteceu a Pedro, o pai de Alex. Neste filme fala-se em surdina de uma geração que cresceu a ouvir falar da guerra, que a viveu através dos pais, fala-se de um país onde se vivia de orgulho e de solidão, duas características que também definem a personagem de Pedro. A dimensão da memória sublinha justamente a de um país onde os tempos eram outros e a sua proclamada “brandura”, tudo menos branda, castrante.

Que Alex se lembre tanto e que a câmara o acompanhe na altura devida confere a A IDADE MAIOR alguns dos seus melhores momentos, como o do espantoso plano em que a árvore é filmada na sequência inicial, os ramos muito perto da cara do miúdo. Ou como o acidente dos pais é mostrado, o volante largado pelas mãos de Manuela, os olhos desviados da estrada para se fixarem em Pedro. Este filme também é um filme de uma história de amor e não há melhor maneira de pensar nos pais senão como dois amantes, trocando a vida por um beijo, para além do desespero e da angústia das coisas com que se tem de viver, como Alex se lembra.